

Centro de Estudos Baianos

Jeferson Afonso Bacelar

NEGROS E ESPANHÓIS

Identidade e Ideologia Étnica
em Salvador

PUBLICAÇÃO
DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA BAHIA

103

31 de Julho de 1983

CENTRO DE ESTUDOS BAIANOS

NEGROS E ESPANHÓIS

Identidade e Ideologia étnica em Salvador

por

JEFERSON AFONSO BACELAR

Professor do Departamento de
Antropologia e Etnologia da
Universidade Federal da Bahia

Salvador - Bahia
Publicação da Universidade Federal da Bahia
Julho de 1983

Toda correspondência deve ser enviada à Direção do Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia antigo prédio da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus-Térreo-Distrito da Sé - Salvador - Bahia - 40.000.

REVISÃO TÉCNICA

- . Alda Maria Reis Santos
- . Márcia Machado

DATILOGRAFIA

- . Josemar Monteiro da Rocha

BACELAR, Jeferson Afonso.

Negros e espanhóis; identidade e ideologia étnica em Salvador. Salvador, Centro de Estudos Baianos da UFBA, 1983. p. Bibliogr.

1. Ideologia Étnica em Salvador. 2. Os Negros. 3. Os Espanhóis.

CDU: 572.9(814.21)

APRESENTAÇÃO

Cabe à Antropologia na sua extraordinária amplitude como ciência do homem, a edificante tarefa de estudar o único representante do reino animal que é capaz de criar e de manter cultura, de promover o progresso, de verbalizar através da linguagem.

Importa-lhe ainda defender a igualdade do ser humano, repudiando idéias e atitudes racistas, abominando o etnocentrismo, entendendo e divulgando que a raça humana é uma só. Que existe uma infinidade de etnias, todas elas dignas de serem dimensionadas em suas respeitáveis diferenças e naturais especificidades.

Todos esses motivos, pois, inspiraram-nos a promover a publicação desta monografia "Negros e Espanhóis identidade e ideologia étnica em Salvador", da autoria de JEFERSON AFONSO BACELAR, Professor do Departamento de Antropologia e Etnologia da UFBA., nosso companheiro de ideais e de crença na igualdade e no direito dos homens.

O estudo em questão analisa, pois, sob a ótica antropológica, a identidade e a ideologia dos dois grupos étnicos em Salvador, vistos nas suas peculiaridades físicas e culturais.

Alfora isso, nele está implícita a preocupação do autor em estudar a identidade étnica dos mesmos, na medida em que compõem dois grupos distintos, ambos integrantes e integrados à comunidade baiana.

Por todas essas razões, pois, entendemos ser conveniente incluir este texto no elenco dos trabalhos da Série Centro de Estudos Baianos que, desta forma, enriquece a sua temática com a inserção de um estudo do maior interesse para a cultura da Bahia e do Brasil.

Salvador, 31 de julho de 1983

CONSUELO PONDE DE SENA

Diretora

À Colônia Espanhola, na pessoa do seu digníssimo Presidente Sr. MANOEL AMOEDO PARADA, consignamos o nosso maior agradecimento por ter tornado possível a publicação desta monografia.

Para ZAHIDÉ MACHADO NETO:

*Por sua paixão pelo viver,
por seu desprezo à dominação,
pelo amor incontido aos
amigos e discípulos.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1 - NEGROS E ESPANHÓIS EM SALVADOR

1.1 - Os Negros

1.2 - Os Espanhóis

2 - IDENTIDADE ÉTNICA DE NEGROS E ESPANHÓIS

3 - IDEOLOGIA E ETNIAS EM SALVADOR

3.1 - Ideologias e etnias - OS NEGROS

3.1.1 - *Integrados no mundo dos brancos*

3.1.2 - *Integrados a um Sistema Religioso de caráter étnico*

3.1.3 - *Grupos culturais negros*

3.1.4 - *A revolta negra*

3.2 - Ideologias e etnias - OS ESPANHÓIS

4 - CONCLUSÃO

5 - NOTAS

Introdução

Este trabalho originou-se de um conjunto de debates gerados no âmbito do Departamento de Antropologia da Universidade Federal da Bahia, acerca da situação dos negros na sociedade baiana.

Constituem eles, em seu conjunto, um grupo étnico? possuem identidade? podem ser considerados como uma unidade? a consciência étnica do grupo reflete seu status na estrutura de classes?

Estas foram, em princípio, algumas das questões argúidas, com a adição fundamental da possibilidade ou não da aplicação das teorias sobre a etnicidade em relação aos negros.

Alentava-se ainda mais a desenvolver tal estudo, a possibilidade de retomar, agora, já sob outra ótica, as pesquisas sobre as relações raciais que tão pouco vingaram na Bahia. Buscávamos, sobretudo, suscitar o interesse no desenvolvimento de um conjunto de trabalhos elucidadores da singular configuração étnica baiana.

A inserção dos espanhóis no âmbito da análise, além de permitir uma visão da plasticidade do funcionamento do sistema interétnico através de um grupo intermediário, viria por seus elementos aparentemente homólogos, na perspectiva situacional do contraste, a oferecer uma maior clarificação da situação dos negros baianos.

De caráter eminentemente exploratório, o trabalho restringe-se a Salvador, tendo como base analítica a noção de etnia, porém, aco- plando-a a natureza da formação social e aos processos históricos dos grupos em pauta na cidade do Salvador.

Inicialmente, de forma sumarizada, apresentamos o trajeto histórico dos grupos no interior da formação social da cidade e, por sua vez, as formas peculiares do seu processo de integração na sociedade nacional. Ênfase, embora sem aprofundamento, é concedida à sua participação na estrutura de classe, uma vez que a instância econômica exerce um papel preponderante na construção do simbólico em nossa sociedade.

Esboçado o perfil dos grupos, buscamos equacionar a configuração da identidade étnica dos negros e espanhóis, afirmando-se contrastivamente as singularidades e especificidades. Após tal delimitamento, avançamos para a forma como os grupos elaboram as suas representações, o imaginário fixador simbolicamente das suas normas e valores. É neste âmbito que o sistema interétnico mostra-se complexo e múltiplo pelas propriedades assumidas pelo imaginário social e pelas ideologias na formulação caracterizadora dos grupos.

Buscamos com este trabalho, que assume quase um caráter de projeto, oferecer subsídios a uma discussão sobre a situação dos negros e espanhóis, e sobretudo vislumbrar a possibilidade do desenvolvimento de um amplo programa de pesquisas sobre os diversos grupos étnicos - e não apenas os aqui abordados - que compõem a sociedade baiana.

1. NEGROS E ESPANHÓIS EM SALVADOR

1.1 - Os Negros

Constitui ponto pacífico a determinação do negro como uma das matrizes básicas na formação e desenvolvimento da sociedade brasileira. Originários do continente africano, submetidos ao regime da escravidão, foram os seus membros transplantados para o Brasil, e progressivamente identificados como negros, crioulos ou pretos, (a última expressão sempre prevaleceu sobre as outras nos casos da Bahia).

Tendo em vista sua importância como cidade, assumiu Salvador nos primeiros anos importância singular no tráfico de escravos africanos. Constituiu-se assim, desde os primeiros anos de sua colonização, em uma das maiores concentrações de população negra do país. Por outro lado, devido à manutenção do tráfico negreiro até boa parte da segunda metade do século XIX, bem assim em face da ausência de significativas alterações na sua estrutura produtiva, Salvador reveste-se de características que lhe asseguram a primazia entre as demais capitais brasileiras, no que tange a sua população negra.

Sabe-se que os africanos que aqui aportaram eram, em sua maioria, originários da Costa Ocidental. Entretanto, jamais poderiam ser considerados, não obstante a preponderância numérica de alguns grupos, como portadores de uma unidade lingüística, econômica e cultural. Antes, aqui aportaram grupos étnicos diferenciados, pro-

cedentes de diversas regiões africanas, por vezes próximas, embora frequentemente seculares rivais, apresentando igualmente diversificadas raízes culturais.¹ Adicione-se a tais diferenças, as situações pertinentes às condições em que o negro foi introduzido na sociedade brasileira.

Consideradas "peças humanas", instrumento de produção, foram os africanos erradicados de sua terra, afastados do convívio de sua família, desvinculados de sua economia, a fim de compulsoriamente se aculturarem nas Américas.

O processo de miscigenação, em parte decorrente da implantação do sistema escravista em nossa sociedade, assumiu na Bahia características originais, observando-se tal fenômeno desde os primórdios da nossa colonização. Tal circunstância teve especialmente por base a deficiência numérica de mulheres brancas, bem assim a conseqüente exploração da mulher negra, posta coercitivamente à disposição do senhor. Ademais, sabe-se que em todo o período escravista houve predominância demográfica do negro em Salvador, tendo sido este um elemento importante no estabelecimento dos contatos, das relações entre negros e brancos, além de promover a ascensão social e econômica de alguns dos seus membros.

Mantendo-se até 1763, como capital do Brasil, Salvador, importante por sua função administrativa, portuária e comercial, possuía uma situação de especial relevo em relação às demais regiões brasileiras, do que resultava um quadro ímpar de necessidades específicas que lhe propiciavam a divisão social do trabalho. Assim, os negros, dentro do padrão de ajustamento econômico vigente no pe-

ríodo colonial e pós-colonial, adaptaram-se à economia de subsistência, ao artesanato urbano, ao pequeno comércio, etc., como libertos, semi-livres ou ainda escravos. Constituindo-se em maioria, a sua presença marcante na estrutura produtiva possibilitaria a ascensão econômica individual de negros, e, em especial, dos mulatos. Entretanto, a sua participação não suscitou um fluxo constante de mobilidade social ascendente, mas sim, uma incorporação à ordem social que estava se instaurando.

Porém, deve ser considerado que o processo de "ajustamento" do negro na sociedade baiana, verificou-se as custas de constantes revoltas. Assim, através de uma luta de, ao menos meio século, o negro mobilizou-se reagindo contra a opressão do sistema escravista.³

Vale assinalar, ainda, que a história do negro em Salvador no período pós-abolição, salvo raras exceções, está a merecer uma "grande visita" dos cientistas sociais, uma vez que, em vários planos, permanece desconhecida. Inexistem para aquele período, excetuando o âmbito dos estudos "afro-baianos"⁴ e as pesquisas da década de 50,⁵ trabalhos sistemáticos sobre a vida deste significativo contingente da população baiana.

Convém enfatizar, também, que a abolição não promoveu grandes transformações sócio-econômicas em Salvador, permanecendo a mesma fiel a sua antiga função de porto e cidade comercial. Por não haverem sido processadas grandes alterações na sua estrutura produtiva, verificou-se a manutenção do antigo sistema ocupacional, sem alteração das posições e esquemas pretéritos. O único avanço

consistiu exclusivamente no fato do escravo tornar-se livre, e conseqüentemente desligado das vinculações imanentes à sociedade escravista.

Contudo, a partir de 1930, pelo dinamismo da administração pública, afirma-se a demanda de um novo tipo de mão-de-obra e serviços educacionais. Desta forma, com o sensível crescimento numérico da população empregada, de maneira segura e estável em ocupações burocráticas, observa-se o fortalecimento de um estrato médio de assalariados. Surgirá, assim, mais uma oportunidade para o negro individualmente, tornando-se a educação um dos mecanismos condicionadores da sua ascensão social. Apesar disso, entretanto, o negro como grupo, continua ocupando funções de baixo "status" e reduzida remuneração, observando-se sensivelmente diminuição do seu número no ápice da estratificação social e na escala ocupacional. Assinala-se igualmente que os padrões culturais vigentes na sociedade de Salvador, foram, por sua vez, pautados nas instituições sócio-culturais européias. Aliás, assim se mantiveram até os nossos dias com a variação de áreas de influência, o que reflete concepções e práticas alienígenas. Atente-se que, não obstante a heterogeneidade das práticas sociais, as camadas subalternas, pela unificação, integração e poder, sempre refletiram a elaboração cultural dos grupos dominantes. Na década de 30, os africanos estavam quase extintos. Cessara o contato com a África, mantendo-se entretanto, um conjunto de grupos e associações refuncionalizadoras dos valores e práticas das culturas africanas. Sem relações concretas com as raízes, persistem componentes significativos de uma "história" recontada, oralmente transmitida, com sentido e vigor para um conjunto expressivo de negros em Salvador.

Mantinha-se a sua estratificação social, com a sua economia ainda apoiada num sistema simbiótico entre o capital urbano e a exploração agrícola, possuindo portanto, Salvador, um aparente equilíbrio e ajustamento demográfico, físico e econômico. Ressalte-se que, mesmo neste período, pelo efeito-demonstração da mobilidade individual e miscigenação, a sociedade não guardava linhas rígidas divisórias entre brancos e negros. A partir de 1940, verifica-se grande transformação da cidade, no plano demográfico. A zona cacaueteira, com a estabilização de seu produto no mercado, deixara de ser o pólo da economia estadual, perdendo assim o seu papel de atração em relação à mão-de-obra excedente da zona agrícola semi-árdua.

Desta maneira, Salvador recebe entre 1940/50, um excedente demográfico de 126.792 pessoas, sendo 70% do próprio território baiano. Desde 1950, aumenta, em média, 15.000 habitantes por ano, dos quais, pelo menos 2/3 vêm do interior.⁶

A partir de 1950 começam a desenvolver-se as atividades relacionadas com a extração e o refinamento do petróleo. Embora demandando diminuta mão-de-obra, assume importância pelo efeito psicossocial desencadeado na atração de grandes contingentes humanos para Salvador. No plano estrutural, mantém-se para o negro a situação das décadas anteriores, porém, um componente adicionava-se a isso: havia muita gente para dividir com ele a pobreza. O problema da manutenção da permanência nas categorias mais baixas da estratificação social não é apenas do negro, mas afigura-se no contexto estrutural do capitalismo dependente, como uma situação das próprias classes trabalhadoras. O problema do negro, a partir daí,

acentua-se cada vez mais, vez que ele tem que disputar estas posições, até então apenas suas, com outros contingentes humanos. A transformação profunda da vida da cidade tem início com a nova industrialização, através dos pólos industriais sediados em Aratu e Camaçari, a partir da década de 60.

De outra parte a presença de uma economia tipicamente capitalista gerou uma reformulação na composição das camadas dirigentes, alterando, por conseguinte, a tradicional estratificação social e econômica da cidade. Processa-se excepcional transformação do traçado urbanístico, com significativa expansão da cidade, além dos fenômenos atinentes à renovação tecnológica. Por sua vez, com as alterações de ordem política instaurada na sociedade brasileira, a partir de 1964, intensifica-se o processo de unificação e integração nacional.

Por outro lado, com o desenvolvimento industrial e dos outros setores, em especial o setor terciário moderno, verificou-se o afluxo de grandes contingentes humanos para a cidade, provocando, além de problemas de natureza urbanística, considerável superabundância de oferta de força de trabalho. Reforçava-se assim, a difícil situação do negro na estrutura produtiva.

Mantinha-se a Mistura Racial, porém, ao contrário da hipótese do Embranquecimento⁷, permanecia o negro como contingente numericamente expressivo da composição demográfica de Salvador. Prosseguia a ascensão social individual dos negros baianos, alargando-se a sua possibilidade de participação na economia e na sociedade. Com a Reforma Universitária, gerando o Explosivo aumento

de matrículas, apresenta-se outro mecanismo favorecedor da mobilidade do negro, no plano individual. Paralelamente a tais circunstâncias, promovia-se a expansão e desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, o qual, de forma orientada, acelerou o processo de unificação e homogeneização política mas, por sua vez, também concedeu o acesso a informações de toda ordem, inclusive acerca da participação negra em outras sociedades. A confluência destes fatores e as circunstâncias específicas definidoras da situação dos negros na sociedade baiana, conduziu à formação de associações, de natureza política e cultural, formadas exclusivamente por negros. Mantinham-se, com grande ênfase as associações religiosas, pautadas nas formas culturais originárias da África. Por sua vez, os grupos dominantes, através da Indústria Cultural do turismo, reforçam e valorizam a Pureza e tradicionalidade dos negros, através dos costumes, festas, comidas, grupos, etc., visando a sua transformação em instituição lucrativa, econômica e política.

1.2 - Os espanhóis

Rica e variada apresenta-se a bibliografia baiana sobre os negros do ponto de vista histórico, folclórico, etnográfico, rareando apenas em relação à perspectiva e abordagem, bem como, em certos momentos históricos. Entretanto, no que tange aos espanhóis, na Bahia, é efetivamente rara para não dizer quase inexistente. Aliás, tal situação pode ser generalizada em relação aos diversos grupos de imigrantes estrangeiros que se radicaram na Bahia e, mais especialmente, em Salvador.

Vale ser recordado que, a partir da abolição da escravatura, ou mesmo antes, várias regiões do país constituíram-se em focos de crescentes correntes imigratórias. Assim, com a proibição da entrada de escravos, correlacionada com os processos ideológicos e transformações econômicas, buscou-se estimular a vinda de estrangeiros para o Brasil.⁸

É fato conhecido que Salvador, capital de uma região sem grande dinamismo econômico, considerada, inclusive, por diversas circunstâncias como culturalmente passiva, jamais se apresentou como foco significativo de imigrações. Várias tentativas foram efetuadas para a criação de estímulos, através das Sociedades de Imigração, entretanto, a decadência das zonas agrícolas e a própria estrutura demográfica, perfiguravam claramente o vão esforço.

De outra parte, convém ressaltar que a presença de espanhóis em

Salvador, desde meados do século XIX, diverge completamente do modelo dos movimentos imigratórios para o Brasil. Enquanto os imigrantes de outras nações e mesmo os espanhóis que vieram para o sul do país chegavam em grupos mais ou menos significativos, a imigração espanhola para Salvador caracterizou-se pela entrada de elementos isolados, famílias ou grupos bastante reduzidos. De acordo com dados do Consulado Espanhol, de 1861 a 1919 chegaram a Salvador apenas 1724 indivíduos.¹⁰

No decorrer do século XX, embora sem maior precisão em torno da vinda de espanhóis para esta capital, percebe-se, por suas características, que o movimento imigratório manteve-se contínuo, embora sem maior expressão em termos numéricos.

Tem-se como hipótese que os momentos ímpares na corrente migratória espanhola para Salvador, ocorrem após as 2(duas) guerras mundiais, determinados pelas graves crises internas da Espanha. Tal fenômeno é resultante destas especificidades e também da crise global das estruturas sócio-econômicas européias. São os instantes históricos em que a imigração espanhola para Salvador tem numericamente maior significação.

Acredita-se serem os espanhóis o maior grupo estrangeiro existente na cidade. Todavia, apesar dessa circunstância jamais tiveram maior expressão demográfica em Salvador ou mesmo no conjunto dos imigrantes espanhóis que vieram para o Brasil.

Na década de 60, pelas transformações ocorridas na Espanha e, em especial, na cidade de Salvador, não se processa a renovação ou

continuidade do movimento imigratório para a capital da Bahia. A crescente-se a tais processos, as restrições impostas à migração pelo Governo Brasileiro.

Por sua vez, o florescimento de uma economia tipicamente capitalista, abarcando sobretudo os ramos de atividades em que os espanhóis estavam envolvidos, diminuiu profundamente as possibilidades de inserção e ascensão de novos membros na sociedade local.

Os espanhóis que vieram para Salvador, são originários, em grande maioria, de uma das regiões economicamente menos desenvolvidas da Espanha - a Galícia. Sabe-se que avultavam em maior número indivíduos provenientes de Pontevedra ou províncias e aldeias próximas. Tal fato caracteriza a imigração como resultante de laços de parentesco, ou através de informações transmitidas aos habitantes próximos daquele espaço geográfico de origem.

De igual modo, este fenômeno determinou que, embora assumindo a nacionalidade espanhola, os referidos imigrantes desenvolveram, vigorosamente, um sentimento de identidade com a sua região de origem, vale dizer, a Galícia. Deste modo, foram sempre antes Galhegos, cultivando de forma explícita a noção de pertinência àquela região do país europeu.

Procedendo, regra geral, das camadas inferiores da sociedade de origem, chegavam a Salvador, pobres, isolados e destituídos de maior nível de instrução.

Uma vez em Salvador, entraram em contacto com uma sociedade mar

cada pelo conservantismo cultural, por uma estrutura econômica firmada na agricultura extensiva e na exportação de matérias-primas, além de uma estratificação social na qual pontificava uma aristocracia. Esta era, então, preferentemente formada por indivíduos que associavam suas atividades rurais com as relações comerciais firmadas na cidade. Constituíam-se esta aristocracia, num conjunto de indivíduos socialmente identificados como brancos.

Instalaram-se os primeiros migrantes no pequeno comércio e desenvolveram atividades a ele relacionadas. O comércio, constituiu para o espanhol o denominador comum da sua participação na estrutura produtiva da cidade, através do armazém, da padaria, do bar, do pequeno fabrico e de outras atividades afins.

Sem maiores recursos, em ambiente social adverso, desconhecendo os costumes da sociedade local, os gallegos empenharam-se integralmente, com diligência e ambição, trabalhando arduamente, com afinco, para progredir visando o futuro regresso ao núcleo de origem.

Logo nas primeiras gerações de imigrantes, formulou-se pela sociedade local a identificação dos espanhóis como miseráveis, ladrões, exploradores, assumindo a expressão galego um sentido pejorativo.

Negativamente, os grupos dominantes os discriminavam como estrangeiros, ante a possibilidade de açambarcarem áreas ou atividades do domínio destes grupos e por serem pobres, apesar de brancos. Brancos, mas diferentes. Eram concorrentes para as camadas intermediárias envolvidas no pequeno comércio. Por sua vez, pela forma diferente de negociar com a sua clientela, basicamente pobre, eram

por estes grupos também estigmatizados.

Refletindo, em certos aspectos, o isolamento do grupo em relação à sociedade nacional, dedicaram-se, com afinco, às suas atividades profissionais, buscando atingir o bem-estar material. Vinculados a empreendimentos dependentes da participação familiar ou de membros da colônia espanhola, paulatinamente, foram superando a situação inicial, conquistando, assim, a pretendida ascensão social e econômica.

A geração pós-guerra, em especial a que já possuía parentes ou amigos em Salvador, pode ser considerada muito bem sucedida em todos os planos. A existência de uma base sobre a qual se firmaram, propiciou a um contingente expressivo de espanhóis um crescente sucesso profissional. Foi exatamente esta geração que realizou notável movimento ascensional na escala sócio-econômica, conquistando posições até então reservadas às camadas dominantes da sociedade baiana. Progressivamente, consolidou-se a sua participação na atividade comercial tradicional, configurada através do aumento dos empreendimentos, seja em função da abertura de novos estabelecimentos, seja pela expansão física dos já existentes. Por sua vez, buscaram a ampliação da sua participação na economia da cidade, passando a atuar em diversos setores e atividades.

Os grupos que realizaram tais investimentos, aumentando e diversificando a sua participação nas atividades produtivas, foram aqueles que menor impacto sofreram com as transformações operadas na economia baiana, em especial no comércio, a partir da década de 60.

Com a introdução de uma economia tipicamente capitalista em Salvador, processou-se virtual alteração nos seus ramos de comércio e serviços. Referimo-nos aos supermercados, dispondo de alto grau de concentração de produtos e serviços, grande nível de capitalização e fortes atrativos para os consumidores. Pouco a pouco, espalharam-se pela cidade, propiciando, de forma contínua, a redefinição de todo comércio, em especial no que diz respeito às formulações tradicionais, como o armazém, a mercearia, etc. Os espanhóis vinculados tradicionalmente ao comércio, sofrem duramente o impacto causado pela assimétrica concorrência, sendo conduzidas à alteração de seus ramos de atividade, enquanto uma parcela significativa desprovida de maior dose de capitalização entra em decadência econômica.

A partir da década de 60, acentua-se a dificuldade em promover a mobilidade sócio-econômica do grupo tendo por base as atividades tradicionais, constituindo-se tal fenômeno uma das variáveis significativas na cessação do processo migratório. O contingente dotado de capital, diversifica ou investe em outros ramos de atividades, do material de construção ao empreendimento agrícola ou industrial, consolidando o seu patrimônio e a sua ascensão sócio-econômica. Atente-se que um dos grupos familiares dotado de rigorosa capitalização, mantém uma pequena rede de supermercados até a década de 80.¹²

A estrutura de classe é um dado que se faz presente no interior da comunidade gallega, estratificando-a a partir de critérios não-étnicos com o relacionamento e convivência entre os indivíduos e grupos familiares. Embora os espanhóis das camadas altas se

aglutinem em grupos de interesse identificados com os nacionais, adotando sobretudo a sua ideologia, são eles os principais responsáveis pela manutenção dos laços com a terra de origem e a busca da preservação dos costumes e tradições culturais do grupo étnico. Foram eles que puderam manter vínculos estreitos com a Galícia, através de viagens e investimentos. Assim é que, não obstante, procurarem cada vez maior integração na sociedade adotiva, não esqueceram do seu sentimento de pertencer à região da Galícia.

Os imigrantes espanhóis que chegaram a Salvador, na sua primeira leva, encontraram um ambiente hostil e discriminador: pobres e sem repetitividade; tinham como projeto, permanecer pouco tempo no Brasil, vez que visavam exclusivamente a acumular recursos para retornar à sua família e à região de origem.

Observe-se que, segundo pesquisa realizada em 1946, considerou-se, sob o plano da aceitação dos diversos grupos estrangeiros pela sociedade local, que os espanhóis deveriam ser expulsos do Brasil.¹³

Em contrapartida, observa-se que um dos mecanismos encontrados para suportar a dura adversidade, foi sobretudo o estímulo à coesão grupal, com o estabelecimento de associações capazes de possibilitar a manutenção de um vínculo perene com a terra de origem. Por outro lado, para vencer o isolamento a que foram submetidos, os espanhóis criaram, desde sociedades de proteção e beneficiência, até associações culturais e recreativas. Constituía-se tal estratégia não apenas em um meio de defesa em relação à realidade hostil, mas igualmente, uma forma de preservar as tradições e os vín-

culos com a Galícia.¹⁴

Observa-se também que as uniões com os brasileiros, especialmente os negros, só foram desenvolvidas por aqueles que não tinham nenhum ponto de apoio ou base familiar, ou então pelos espanhóis em pobrecidos, destituídos de relacionamento mais próximo com os membros da colônia e conseqüentemente sem nenhuma perspectiva de retorno à Galícia.

Ressalte-se, por outro lado, a circunstância de que à proporção que ascendiam economicamente e que tinham filhos nascidos e educados na Bahia, alteravam-se substancialmente as disposições do grupo frente a sociedade local.

A mobilidade social e o contato contínuo estabelecido com os membros das várias camadas de Salvador, determinaram a mudança das atitudes e valores tradicionais do grupo étnico em apreço. efetivamente adotaram da sociedade que os assimilou, valores e ideologia. De outra parte, continuam a manter os seus laços com a região de origem, cultivando aspectos das suas tradições culturais, preservando suas associações, porém, não mais realizando investimentos na Galícia, mas preferindo alocar os seus recursos no Brasil. Já assimilaram completamente os valores e padrões culturais da sociedade em que vivem. Presentemente, efetivam alianças matrimoniais com os nacionais, em especial com pessoas pertencentes ao mesmo segmento de classe. Igualmente franquearam o acesso dos nacionais às suas associações. Por conseqüência, embora ainda se afigurem como um grupo distinto, diferenciado, não são rejeitados, nem negativa

mente discriminados pelos brasileiros. Por outro lado, estão cada vez mais adaptados aos valores e padrões culturais baianos, como igualmente se encontram inseridos na dinâmica da nova sociedade de classes.

QUADRO SINTÉTICO

Espanhóis Galhegos

Espanhóis Galhegos

Primeiras gerações

Segundas gerações

- | | |
|---|---|
| - Minoria demográfica | - Minoria demográfica |
| - Concentrados nas camadas baixas das sociedades | - Ascensão social como grupo/
/grupo de interesse |
| - Concentrados em um ramo da atividade comercial | - Expansão e diversificação dos ramos e atividades |
| - Coesão grupal/mecanismo de defesa e preservação dos padrões galhegos. | - Coesão grupal/mecanismo de defesa e preservação dos padrões galhegos. |
| - Busca da integração na ordem cultural dominante | - Integrados na ordem cultural dominante. |

2. IDENTIDADE ÉTNICA DE NEGROS E ESPANHÓIS

Tomando por base o que conceitua ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA o ponto marcante, da identidade étnica é a sua natureza essencialmente contrastiva.¹⁶ Assim, a identidade do negro em Salvador, firmada historicamente, estaria pautada nos valores e significados atribuídos, diferencialmente, à pigmentação e espessura dos cabelos e outros elementos de natureza física.

O passado colonial e o sistema escravista, reforçados no advir da estrutura de classe, estabeleceram a etnia assentando-a no teor de oposição das CORES. Este é o plano mais geral e significativo da identidade de vastos segmentos da população negra de Salvador, em especial dos indivíduos situados nas posições mais baixas da estratificação social.

Porém, as etnias, assim como as classes sociais, não constituem fatos em si mesmos, mas sistemas de relações firmadas nas especificidades da formação social abarcadora da estrutura interétnica.¹⁷

Desta maneira, ao contrário dos espanhóis, observamos no caso dos negros a escamoteação, pelas relações de classes, do fenômeno étnico. Decorrente do processo de miscigenação, ocorrido durante séculos e, pelo fenômeno da mobilidade social individual do negro, surge, de imediato, uma indagação: o que é ser negro na Bahia? Vale aduzido que numa sociedade em que se observam valores específicos para os diversos graus de pigmentação, evidentemente seria de

extremo simplismo reduzir a identificação étnica a um exclusivo retrato em preto e branco. A cor, o cabelo e outros elementos fe notípicos são fundamentais, porém, dois aspectos ganham expressão na identificação: 1) a posição dos indivíduos e grupos na estratificação social; 2) a manipulação de alternativas para a escolha de identidades (étnicas) ambíguas, de acordo com as situações de contato. Assim, a partir da ampla variação, aliada às circunstâncias individuais, verifica-se, não apenas a utilização de atributos de forma estigmatizante, acompanhada de estereótipos depreciativos, da própria subtração do problema étnico, até o uso de formulações simuladoras de que é exemplo a expressão moreninho.

O contato sistemático e contínuo dos africanos e, posteriormente dos negros com a sociedade baiana, fez com que, a nível da definição e auto-definição do ser negro, sobrelevasse o conceito de cor, generalizante, e o plano circunscrito, ambíguo, da manipulação da identidade.

Este fenômeno, que guarda relação com a problemática da escravatura e, estimulado pela dinâmica da sociedade de classes, gerou, por um lado, face a multiplicidade de situações de contato, a dificuldade do negro ser aceito como um grupo social¹⁸. Em outras palavras, privou-o exatamente da condição que o caracterizaria como um grupo étnico¹⁹. Por sua vez, a idêntica multiplicidade de situações, determinou que as suas representações, conforme veremos adiante assumissem a forma de ideologias étnicas.

Devido a ausência de um conteúdo étnico comum, de natureza histó

rica ou cultural bem assim a própria situação dos negros na dinâmica da estrutura de classes, constitui mera simplificação entendo-os como integrantes de um grupo social único. A realidade evidencia a existência de diversos grupos negros em Salvador. Observa-se, igualmente que enquanto alguns buscam o afastamento de qualquer postulado étnico, outros, por seu turno, procuram manter vigorosamente um sentido de etnicidade, vinculando-se a um passado idealizado ou mesmo demonstrando afirmativamente o quanto vale ser negro na cidade do Salvador.

No caso específico dos espanhóis observa-se a assunção explícita da identidade étnica gallega, sobrepondo-se à etnia nacional de origem - a espanhola. Acreditamos que o caráter majoritário da população da Galícia, em nosso meio, fortalece acentuadamente esta identidade específica regional.

Merece ser considerado ainda que, em função das próprias características do processo de inserção na sociedade baiana, os espanhóis mantiveram o caráter de pertinência étnica, através da língua, e mediante a atualização da cultura galega em Salvador. Mais ainda, e sobretudo, mediante o convívio familiar, as relações de parentesco e associações. Todavia a referida identidade apresenta-se, no momento, em fase de transição motivada pela participação das novas gerações. Estas, por sua vez, já são formadas por brasileiros, que não se podem ajustar a específica perspectiva étnica. De outra parte o processo de atualização cultural, determinado pela absorção dos novos valores da sociedade envolvente, foi sendo fragmentado, embora mantendo vínculos com a sociedade de origem.

Os brasileiros, por sua vez, atribuíram enfaticamente um sentido estigmatizador à denominação galego, carregada de conotação pejorativa, sendo fruto dos contatos interétnicos. Apesar das transformações que se vêm processando na sociedade baiana, a expressão é ainda empregada em tom depreciativo.

No caso específico dos espanhóis, ao contrário do que se observa entre os negros, verifica-se o escamoteamento pela etnia das relações de classe. A definição e auto-definição como gallegos, considerado como grupo distinto e específico, esconde uma indiscutível realidade, possibilitando, desta maneira, a dissimulação das relações de classe que envolvem a comunidade. E, em vista disso os espanhóis que ascenderam social e economicamente, aglutinaram-se de acordo com os grupos de interesse, estabelecendo estreitos vínculos com as camadas dominantes locais. Assim sua aparente unidade, sua especificidade étnica, têm sido na realidade, aglutinadas em face das relações pautadas na dominação dos grupos das camadas altas. Por outro lado, a simulação de uma dominante, ocasionada pela ascensão de certas camadas da comunidade gallega, impede a caracterização da sua composição fragmentada com a presença de segmentos empobrecidos.

3. IDEOLOGIAS E ETNIAS EM SALVADOR

A ideologia constitui um dos temas mais fecundos mas, ao mesmo tempo, um dos âmbitos mais discutidos e controversos das Ciências Sociais.

Entende-se que as relações entre os homens existem em função das idéias e nas idéias estabelecidas entre si. Similarmente, essas idéias só existem nas relações mantidas entre os homens, numa perfeita associação entre o sentido e a ação.²¹

Por sua vez, a cultura constituída em estruturas de significados socialmente estabelecidas, apresenta um conjunto coordenado de representações. De outra parte, na sua constante interação, a mesma elabora um imaginário através do qual ela se reproduz e que designa em particular o grupo a ele próprio, distribui as identidades e os papéis, expressa as necessidades coletivas e os fins a alcançar.²²

Assim, a ideologia situa-se num âmbito ou área específica deste imaginário, sobretudo, em um campo derivado da emergência do poder na sociedade. Historicamente variáveis, as ideologias surgem como um vasto processo de intercâmbio conflituais, onde não cessam de se produzir e de trocar mensagens persuasivas.²³ Cada ideologia estabelece a sua verdade, emitindo um fluxo de discursos destinados a responder e recordar a ilegitimidade do inimigo simbólico.²⁴ Atente-se ainda que os conflitos ideológicos são subentendidos pe

los conflitos e posições dos indivíduos na sociedade, denotando a sua articulação e complexidade.

Compreende-se, por isso mesmo, que as ideologias étnicas nas sociedades modernas, estão marcadas por dois fenômenos: o primeiro, de caráter etnocêntrico comum a todas as culturas, constitui-se na afirmação de grupos e indivíduos como representantes do ser humano por excelência, enquanto os outros são participantes menores da humanidade. Assim, o segundo, variável, histórica e culturalmente, impõe uma clara relação da ideologia com os processos que caracterizam regularmente a sociedade, em especial suas relações de poder.

3.1 - Ideologias e etnias: OS NEGROS

Ao ser trasladado para o Brasil, como mercadoria, foi o africano desenraizado de sua terra, de sua família, de sua economia e, de forma compulsória, aculturado durante o processo da formação social escravista. Africanos ou negros, foram considerados pelos grupos dominantes como objetos - instrumentos de produção - selvagens, inferiores, inclusive biologicamente, durante todo o período colonial e neo-colonial. Através de sucessivas gerações foram identificados e tratados como indivíduos de qualidade inferior. Tais concepções, decorrentes do exercício de dominação, sobre os grupos negros, pouco a pouco transformou-se em ideologia básica²⁵, adotada por toda a sociedade. Esta era, pois, a imagem do mundo das relações étnicas, compreendendo desde as relações mais profundas até as zonas superficiais da realidade vivenciada

pelos indivíduos.

A existência do processo de miscigenação simuladora de pretensão humanitarismo, ajustamento à condição social ou mesmo revoltas e ideologias antagônicas, em muito pouco alteraram a solidez do comportamento real e representações em relação ao negro. Atente-se para o fato de que o movimento abolicionista, em especial na cidade do Salvador, jamais teve por objetivo produzir valorativamente uma nova interpretação básica da realidade em torno da condição "SER NEGRO". A ausência, até 1930, de grandes transformações na estrutura produtiva da cidade do Salvador, permitiu, apesar da Abolição, que a reelaboração interpretativa não passasse de uma complementação ou adaptação ao já instituído, aos conteúdos de vida vigentes. Ao negro era concedido idêntico tratamento anteriormente dispensado ao escravo, vale dizer sem vínculo e compromissos, obtendo os círculos dominantes crescente mais-valia. Mantinha-se, assim, o caráter estigmatizante da inferioridade do negro e os seus conseqüentes colorários, tais como vagabundagem, desorganização familiar e costumes selvagens. Por sua vez, em decorrência da miscigenação, em função das revoltas do século XIX, bem assim, pela importância demográfica e por "estarem em seu lugar", é que o mito da democracia racial teve maior importância na Bahia.

Dir-se-ia, assim, que a ideologia dos grupos dominantes apresentava-se "perfeita". Havia uma sociedade aberta - inclusive porque muitos dos seus componentes eram "morenos". Estava implícito e/ou explícito que o negro era inferior. Estas concepções veiculadas por uma elite auto-identificada como branca, protegidas pela ciência da época, constituía-se na formulação simbólica de todos os

grupos da sociedade, inclusive na dos próprios negros.

Todavia, a partir da introdução de novos focos dinâmicos na economia baiana, altera-se a formulação simbólica sobre as relações étnicas. A pobreza, já não era um fenômeno apenas concernente à população negra, embora os negros majoritariamente a compusessem. Altera-se, assim, a estratificação da sociedade baiana com a inserção de novas categorias entre as camadas dominantes. Nesta economia tipicamente capitalista, o foco dominante da produção simbólica torna-se, de maneira definida, as relações de produção. É a economia que sobrepuja todos os outros condicionantes na elaboração do panorama cultural de Salvador. Introjetadas dinamicamente na nova ordem instaurada, as antigas formulações da situação étnica adaptaram-se às novas formas de controle dos indivíduos e grupos.

Por sua vez, os indivíduos vinculados ao poder, permanecem, como um componente axiológico do seu mundo, auto identificados como brancos. Integrar ou participar dos grupos dominantes da sociedade, embora sendo mulato ou negro, é sobretudo aceitar os postulados validamente positivos de integrar o "mundo dos brancos".

A ideologia dominante, cingindo o fenômeno étnico, introduz um sistema classificatório, onde não se igualam os indivíduos. Desta forma, são eles categorizados de acordo com as suas posições face às relações de produção, bem assim, pela posição histórica dos diversos grupos no contexto da sociedade baiana. O passado é dinamicamente revivido no processo de interação de indivíduos e dos grupos, constituindo-se em importante elemento na categorização. Ob

jetivamente, "ser negro" permanece negativamente reforçado, através de imagens, estereótipos, expressões.

Entretanto, o discurso ideológico produzido de forma articulada e legitimadora reforça o mito da democracia racial. A perspectiva ideológica da democratização racial baiana tem como base de emergência um antigo fator, dotado de nova função, ou seja, a expressividade numérica da população negra. Destarte, os negros se afiguram como elementos fundamentais à manutenção e ao incremento das relações capitalistas de produção. Estas, por sua vez, com seus sutis mecanismos de seleção no mercado de trabalho, não apresentam razões que justifiquem manifesta discriminação. Correlacionado com este aspecto, atenta-se para o perigo que o acirramento da contenda étnica, poderá provocar no seio da sociedade baiana. Por sua vez, os aparelhos ideológicos do Estado, em sua múltipla difusão, enfatizam a igualdade das relações entre indivíduos e grupos distintos, promovendo a imagem idealizada da sociedade baiana. Identificam-na como um modelo de convivência racial e do humanismo, quer a nível nacional quer internacional. Em vista disso, a democracia racial passa a representar um componente da "ideologia dos políticos" na medida em que expressam o sentimento e as expectativas da maioria dos seus eleitores.

Por outro lado, a partir das modificações operadas na sociedade, expressivas da pluralidade das informações e dos conflitos ideológicos, os negros equacionam e reagem simbolicamente, de forma diferenciada, às proposições da ideologia e da ordem cultural dominante.

Apresentamos, a seguir, uma tipologia a ser comprovada empiricamente, visando a evidenciar as formulações ideológicas e simbólicas do negro baiano.

Integrados no mundo dos brancos

Esta categoria é constituída por indivíduos que, no plano da situação étnica, regulam-se pela aceitação, do paradigma da democracia racial.

É certo que por participarem diferencialmente dos benefícios sociais, políticos e econômicos, os negros apresentam variada formulação cultural, condicionada à sua posição sócio-econômica. É de considerar-se entretanto, que se revelam homogêneos quanto à representação referente à igualdade de direitos, mobilidade social e sucesso individual. Se, no entanto, não conseguem atingir suas expectativas, atribuem tal fato à sua incapacidade pessoal ou individualizam as situações e pessoas.

Vale ser mencionado que o traço marcante e distintivo desta categoria de indivíduos, assenta-se, porém, na representação axiologicamente positiva dos "brancos" e do seu mundo e, inversamente, na apresentação negativa e/ou afastamento dos indivíduos e grupos negros da população. Procuram, continuamente, através de variados mecanismos, como uniões conjugais, círculo de relações ou até mesmo representações em torno de sua condição étnica, promover o desejável "embranquecimento". Em vista desses motivos afastam-se de

toda identificação com o "ser negro" na Bahia, abdicando inteiramente de qualquer sentimento de negritude.

São estes indivíduos, pois, que, no exercício de cargos, posições influentes ou ainda, proprietários dos meios de produção, em lugar de expressarem solidariedade aos seus irmãos de cor, exercem pressão sobre eles na tentativa de afastar a "lembrança" ou identidade com a sua condição de origem (étnica).

"Morenos", "mulatos" ou negros, presentes em todas as camadas sociais majoritárias na população negra, apresentam como agentes reforçadores da desqualificação do negro em Salvador.

Por outro lado, em função do dinamismo cooptador do sistema capitalista relacionado com as formulações simbólicas caracteristicamente negras, muitos indivíduos já estão absorvendo alguns traços, estilos ou marcas indicadoras da condição de negro. Com amplo espectro comportamental e variação ideológica, mostram-se, no âmbito da etnia, perfeitamente integrados na ordem cultural dominante, no mundo dos brancos, sobretudo pela ausência de um processo de identificação como negro.

Integrados a um Sistema Religioso de caráter étnico

Acerca desses grupos existe rica e variada literatura antropológica no Brasil e na Bahia. Centra-se esta bibliografia, em grande parte, nos rituais de ordem religiosa que por sua vez, buscam enfatizar a nossa vinculação com a cultura africana.

Constituem estes indivíduos e grupos os componentes dos candomblés, da "família-de-santo", do "povo-de-santo-da-Bahia". Convém por em relevo, ser a religião, um dos mais significativos elementos culturais mantidos pelos africanos, e seus descendentes, na sociedade brasileira. Por sua vez, a utilização reelaborada de elementos religiosos das culturas matrizes permitiu a criação e manutenção de grupos "comunitários", de caráter interétnico, entre os africanos e negros baianos. Desprezados e repelidos pela sociedade escravista de outrora, posteriormente, se mantiveram tais grupos na "liminaridade". Efetiva-se a suspensão de forma institucionalizada, através do candomblé, do sistema de poder vigente, criando uma sociedade pautada no igualitarismo, parentesco simbólico e "princípio de senioridade".²⁶

Com todas as transformações operadas na sociedade baiana e, mesmo, a cooptação do candomblé pelo sistema capitalista, inclusive com a presença de indivíduos dos grupos dominantes da sociedade, não se processou a alteração dos princípios essenciais norteadores da "communitas" do candomblé. Este, refletindo a dinâmica cultural da sociedade baiana, adaptou-se criativamente às novas situações, porém, a sua essência, no plano da organização intra-grupal manteve-se inalterada. Entretanto, os indivíduos que compõem o candomblé - majoritariamente negros - já não são africanos, escravos ou negros com uma certa uniformidade cultural, derivada da sua baixa posição na estratificação social da cidade. Hoje, não obstante a importância unifórmizadora do sistema religioso no universo simbólico dos "filhos-de-santo", ele representa apenas um âmbito na formulação cultural dos indivíduos que compõem estes grupos, pois a mesma reflete diretamente a variedade das suas posições sócio-

econômicas e a própria dinâmica cultural do sistema capitalista implantado. Caracterizado como grupo religioso popular, o candomblé mantém, como elemento distintivo, a sua comunhão em torno do sagrado. Guardando, também, na maioria dos terreiros, uma ideologia subjacente, superposta, atua compensatoriamente na cotidianidade do negro, proporcionando-lhe a transição da cruel realidade para um mundo imaginário, lúdico e mágico. Destoa desta postura, uma minoria de candomblés, pautados na militância de uma ideologia purificadora do que resulta a condição de alimentadores da imagem africanizante da Bahia. Como elemento subjacente à ideologia da pureza, buscam a ascensão e integração no mundo dos brancos por outra via. Exatamente pela diferenciação, pelo caráter africanizante do seu culto e particular comportamento. Tais grupos são identificados com a "intelligentszia" baiana, na medida em que possuem membros das classes dominantes nos seus terreiros, políticos nas suas relações e são visitados pelos turistas; são, pois, os tradicionais mantenedores das formas culturais africanas.

Nada mais natural, portanto, do que considerar os candomblés auto-identificados e identificados como grupos religiosos de negros. Entretanto, pela presença de indivíduos proletarizados, ou mesmo pela adesão de membros das classes dominantes, não identificados como negros, denunciam explicitamente que a sua organização não tem por base, apenas, a etnia.

Formados essencialmente por uma população negra pobre, em grande parte integrada aos valores do mundo dos brancos, manteve-se, como grupo específico, como importante foco de resistência cultural

ral, traduzindo, por sua imagem, ideologia religiosa e organiza-
ção, a presença de um mundo negro. Constituem ainda, um referen-
cial marcante na perspectiva de formação de uma consciência étni-
ca na população negra baiana.

Grupos culturais negros²⁷

São formados basicamente pelos grupos formais e informais negros,
de feição estético-recreativa, caracterizados pela busca de uma
afirmação de natureza étnica. Em grande parte, relacionados com
o Carnaval baiano refletem, na década de 70, a emergência de um
sentimento de negritude na juventude baiana.

Convém aludir que tal sentimento resulta de um conjunto de fato-
res, a exemplo do momento político brasileiro e o aparecimento da
contracultura, do desenvolvimento das comunicações e da dissemina-
ção das informações sobre o papel do negro no cenário internacio-
nal; das transformações sociais e tecnológicas, da ascensão educa-
cional do negro e da sua promoção social pelos grupos dominantes
na sociedade brasileira. Começam, por sua vez, a surgir vultos ex-
pressivos negros no próprio país, com idéias e estilos de vida re-
volucionários, tais como PAULO CÉSAR, jogador de futebol, GILBER-
TO GIL, cantor e compositor, MILTON NASCIMENTO, cantor e composi-
tor, além de outros tantos absorvidos pelos grupos dominantes e
"intelligentszia", nacional e local.

Progressivamente, forjou-se a imagem de que "Black is Beautiful",
em função do que os negros assumiram uma nova postura física (bio-

lógica), um especial estilo de vestir-se, de comportar-se, sobretu-
do, perante o mundo dos brancos. Inicialmente, tal processo foi
desenvolvido pelos grupos ou indivíduos negros ligados ao mundo
artístico, ao futebol e ao ambiente universitário. Entretanto, é
através do carnaval que o movimento cultural negro ganha expres-
são e representatividade, abrangendo variados segmentos, em espe-
cial, as secções pobres da população negra baiana.

Historicamente, poder-se-ia dizer que existia uma "separação es-
trutural" no carnaval baiano entre os negros e os auto-identifica-
dos como brancos. O centro da cidade tinha espaços e horários no-
bres reservados essencialmente aos clubes e, posteriormente, aos
"blocos" de brancos, cabendo aos negros empurrar os carros, segu-
rar a corda ou assistir à passagem dos cortejos e desfiles. Refle-
tindo o conjunto de fatores acima citados, os negros elaboraram,
na década de 70, uma nova proposta para o carnaval, revivendo de
forma contemporânea os afoxés. São agora grupos formados exclusi-
vamente por negros, que buscam, inicialmente, através do carna-
val, um espaço cultural para a sua afirmação. Assim, o Ilê-Ayê
nasce com uma proposta de celebrar os valores da cultura negra e,
refletindo o processo histórico baiano, busca os seus elementos
identificadores na África Negra revivida. São estes afoxés e os que
se alinham à sua perspectiva, os responsáveis pela transformação
do carnaval baiano e, sobretudo, pela afirmação da própria identi-
dade do nosso negro.

Se é certo que os temas, as músicas, as roupas são pautados na
África Negra, porém, de forma criativa, se revestem de peculiar
baianidade.

De forma dinâmica, as raízes africanas são revividas nas trancinhas, nas argolas e nas baianas, no "ijexã" e no "soul", na afirmação de um sentimento de negritude com um referencial étnico e histórico identificador.

Em vista disso, provocam tais grupos um grande impacto na sociedade como um todo, daí a sua cooptação pelos grupos dominantes, mas, notadamente, alteram o comportamento do negro, pelo desenvolvimento de um processo de auto-valorização pessoal e grupal.

Formados em grande parte por negros pobres, embora não se tenham dados mais precisos sobre a sua composição, são responsáveis pela formulação de uma nova imagem social do negro baiano. Embora não exponham nenhum posicionamento em torno do poder, assumem, pelas transformações geradas na sociedade baiana, em relação ao próprio negro, a dimensão política mais significativa dos grupos e indivíduos negros da Bahia.

A Revolta negra

Em meados da década de 70, passa a ter expressão em Salvador a presença de grupos negros investidos de uma perspectiva política radicalizante em relação à situação étnica baiana. A cristalização destes grupos, com a predominância do Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial, refletiu, sobremaneira, o conhecimento dos movimentos negros americanos, o surto de libertação das antigas colônias africanas e o florescimento das organizações negras no Brasil.

Representam, estes grupos negros, uma reorientação em torno da situação do negro em Salvador, pela reação ao "mundo dos brancos" e ao "mito da democracia racial" e, sobretudo pela visão desenvolvida em torno da etnicidade. Norteiam a sua conduta, na luta contra a discriminação racial e pela organização da comunidade negra visando a sua emancipação política, cultural e econômica. Por sua capacitação intelectual, pretendem, até mesmo, a formulação de uma nova ciência do social, e/ou uma história que estabeleça o real significado do negro na construção da sociedade brasileira.

São os negros responsáveis pela disseminação da importância do passado negro, em especial no que se refere às suas organizações e figuras, bem como à divulgação da situação dos negros nos Estados Unidos e na África. É através deles que a expressão negro ganha um sentido positivo, substituindo preto. "Negro é raça, preto é cor".

Por sua visão polarizadora da situação étnica baiana - negros e brancos -, além da radicalização, constituem minoria, não conseguindo atrair grandes contingentes da população negra.

Entretanto, se por um lado, no plano da participação efetiva em suas fileiras e no plano das atividades são minoritários, por outro, possuem expressivo significado na mudança dos padrões e relações entre os grupos étnicos na Bahia. Com a sua presença efetiva, alteraram a consciência em torno da situação do negro.

As categorias elaboradas, não constituem formulações homogêneas, em especial, pelas diversidades que sabemos estarem nelas conti

das . Assim é que, embora estejamos cientes de que a tipologia apresentada não reflete integralmente os grupos e idéias dos negros baianos, acreditamos ser possível através dela, representar um quadro amplo e abrangente da "comunidade negra" na Bahia.

3.2 - Ideologias e Etnias: OS ESPANHÓIS

Os primeiros espanhóis que aportaram em Salvador, embora brancos, foram negativamente discriminados pela população baiana. Não dispendo de grandes recursos e com uma presença maciça no comércio local, tiveram a sua imagem marcada pela fama de "gananciosos" e "exploradores do povo". Assim é que identificados pela língua e fenótipo, gerações inteiras de espanhóis vivenciaram grandes dificuldades, em ambiente nem sempre franco e acolhedor à sua presença. Acostumados às pequenas cidades e aldeias da sua região de origem, irmanados através de estreitos laços comunitários, tiveram de adaptar-se, de um lado, às circunstâncias específicas da sua situação, e por outro lado, à dinâmica das relações sociais, inclusive étnicas, da sociedade local. De uma forma geral, em face das barreiras que se lhe interpunham à penetração no mundo social de Salvador, mantiveram-se estas primeiras gerações quase que encasteladas em torno do grupo familiar e das relações com os brasileiros, estas derivadas da atividade no comércio. Buscavam assim na atividade produtiva, uma forma de integração e adoção dos padrões da sociedade baiana. Por outro lado, como mecanismo mantenedor dos padrões culturais galhegos e num processo natural de auto-defesa diante do ambiente hostil, tiveram a família e as associações co-

munitárias de ordem beneficente, recreativa e cultural. "Teriam a finalidade precípua de criar ambiente para os imigrados, facilitando-lhes o processo de aculturação e criando-lhes, por vezes, condições mais apropriadas que lhes facilitariam o processo de mobilidade ascendente"²⁸ Tal situação deu origem às associações de ordem mais ampla, abrangendo todos os galhegos a exemplo do Hospital Espanhol, Clube Espanhol e Galícia Esporte Clube. Ao lado destas, surgiram ainda as que representavam as regiões de origem, como a Sociedade Caballeros de Santiago, Amigos de Moscós, Sociedade Amigos de Gafate e outras.

Estas associações mantiveram-se durante os primeiros tempos, sendo exclusivamente compostas de espanhóis. Repudiados pela aristocracia da cidade e demais membros das altas camadas, reagiam discriminando a população baiana, em especial os representantes da sua negritude. Entretanto, à proporção que ascendiam socialmente e com a presença de uma segunda geração, nascida no Brasil, representativa a partir de 1960, processa-se acentuada alteração nos padrões de comportamento e relacionamento com a sociedade local.

O crescimento dos filhos, o aprendizado contínuo do idioma português, a frequência às instituições escolares e culturais brasileiras, os casamentos interétnicos, aliados à ascensão social fomentadora da predisposição para permanecer no país, impulsionaram ainda mais a intenção de integrar-se na sociedade adotiva. Os espanhóis acatam integralmente a ideologia dominante, inclusive no plano étnico, constituindo-se em grupo de interesse perfeitamente aliado aos grupos dominantes e tendo neles o seu modelo de referência. Por sua experiência política na sociedade de origem, man-

têm-se afinadas como o "status quo"²⁹, afastando-se de qualquer posição partidária.

Como fenômeno adaptativo à nova circunstância econômica e à integração na sociedade local, franquearam aos nacionais suas associações mais importantes a exemplo do Clube Espanhol.

Assim, embora hoje estejam perfeitamente integrados à sociedade nacional, nela convivendo em harmonia, portanto sem maiores tensões, ainda são identificados como estrangeiros, vale dizer, espanhóis, gallegos.

De outra parte os membros mais velhos da comunidade mantêm apenas laços de ordem cultural com a Galícia, através das danças, músicas, viagens, etc., demonstrando, em grande parte, estarem assimilados à sociedade nacional. Por sua vez, as novas gerações possuem em laços ainda mais tênues com a pátria de origem dos seus antepassados, autodefinindo-se como brasileiros, em vista do que se consideram perfeitamente integrados à sociedade nacional.

CONCLUSÃO

Constitui ponto pacífico a importância dos negros e espanhóis na configuração étnica baiana. Deste modo esta abordagem introdutória destituída de maior aprofundamento do assunto, busca sobretudo destacar a especificidade do caso baiano, demonstrando a prevalência das características do sistema interétnico. Atentamos, assim, enfaticamente para o significado da historicidade; ressaltando, ademais, a formação social e o próprio roteiro dos grupos no processo de contato.

Tal percurso revelou-se fundamental para a caracterização das peculiaridades sócio-culturais, dos referidos grupos formuladores da sua identidade étnica, nas quais são estigmatizados apresentando cada um deles conformações e matizes completamente distintos. Desta forma, o negro fortemente marcado pela diversidade e ambigüidade das situações e posições histórico-sociais, é incapaz de expressar nitidamente o seu entido de etnia. Em contrapartida, o espanhol é marcado por uma definida identidade étnica, impossibilitadora da compreensão dos mecanismos da estrutura de classes e das suas relações com o poder.

Por outro lado, os grupos negros, pela diversidade de posições assumidas na estrutura de classes, dão forma às suas representações através de múltiplas ideologias, assumindo relevo no atual panorama baiano exatamente as de ordem étnica.

Enquanto isso, os espanhóis encontram na sua identidade étnica o

sentido da sua ideologia. Vale acentuar todavia que, em virtude de sua evidente ascensão enquanto grupo não produzem o surgimento de sentimentos de etnicidade, antes assumindo os postulados da ideologia dominante, da integração e da chamada "democracia racial".

NOTAS

- 1 - Sobre o assunto ver. No Brasil: BASTIDE, Roger. As religiões Africanas no Brasil. São Paulo. Livraria Pioneira Editora. Editora da Universidade de São Paulo, 1ª volume. 1971.
Na Bahia: Vianna Filho, Luiz. O Negro na Bahia. Rio de Janeiro. São Paulo. Livraria José Olympio Editora. 1964.
VERGER, Pierre. O fumo da Bahia e o tráfico de escravos do Gôlfo de Benin. Salvador. UFBa., CEA0, nº 6 série Estudos. 1966.
- 2 - AZEVEDO, Thales de. Índios, Brancos e Pretos no Brasil Colonial. In: Cultura e Situação Racial no Brasil. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira. 1966. p.84.
- 3 - FREITAS, Dêcio. Insurreições Escravas. Porto Alegre. R.S. Editora Movimento, 1976.
- 4 - Caracterizamos como estudos afro-baianos os expressivos trabalhos desenvolvidos sobre os cultos religiosos ou candomblês, na sua organização ritual e outros aspectos significativos.
- 5 - Com relevância os trabalhos elaborados por: AZEVEDO, Thales. As elites de cor. Um estudo de ascensão social. São Paulo. Cia Editora Nacional, 1955. Pierson, Donald. Brancos e Pretos na Bahia. São Paulo. Ed. Nacional, 1971 (Brasiliam.v.241)

- 6 - OCEPLAN. Plandurb. PMS. Evolução Demográfica (1940-2000). Salvador, 1976.
- 7 - Sobre o assunto ver. SKIDMORE, Thomas E. Preto no Branco. Raça e Nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1976. Em especial o capítulo 2. Realidades raciais e Pensamento racial depois da Abolição.
- 8 - Todo referencial exposto sobre os espanhóis neste trabalho, tem por base, quase que integralmente, a Tese para o concurso a Professor Assistente do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA., da Profa. Célia Maria Leal Braga. Os espanhóis em Salvador. (Análise Sociológica das possibilidades de assimilação de um grupo de imigrantes) defendida em 1972. Releve-se, ainda, a importância da colaboração prestada por Maria Hilda Paraíso, Profa. do Departamento de Antropologia da UFBA., filha de espanhóis que, com sugestões e críticas contribuiu para o esclarecimento de muitas questões oferecendo inclusive várias sugestões indispensáveis ao desenvolvimento desta monografia. Ressaltamos, ademais, que os equívocos de interpretação porventura existentes neste texto são exclusivamente da nossa responsabilidade.
- 9 - SKIDMORE, Thomas. op.cit. pp. 142 e 162.
- 10 - BRAGA, Célia Maria Leal. Os Espanhóis em Salvador. (Análise Sociológica das possibilidades de assimilação de um grupo de imigrantes). Tese para o Concurso a Professor Assistente da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA., Salvador, 1972. (Ed. mimeog...). p.19.

- 11 - Id., ibid., pp. 54 a 60.
- 12 - Constituem os supermercados Vasquez, recentemente negociados com uma rede nacional de supermercados.
- 13 - Esta pesquisa foi realizada pela Dra. Amélia Ginsberg, desenvolvendo-se entre 400 estudantes das Faculdades de Direito e Filosofia e do CPOR. Citado in: AZEVEDO, Thales de. Classes Sociais e grupos de Prestígio.
- 14 - BRAGA, Célia Maria Leal. op.cit. pp. 87 a 97.
- 15 - id., ibid., pp. 40 a 45.
- 16 - CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Identidade, Etnia e Estrutura Social. São Paulo, Livraria Pioneira Editora. 1976 pp.5-6.
- 17 - _____. Etnia e Estrutura de Classes: A propósito de Identidade e Etnicidade no México In: Anuário Antropológico/ 79. Rio de Janeiro. Edições Tempo Brasileiro Ltda., 1981.p.58 É de ressaltar-se que esta parte do trabalho reflete situacionalmente a conceptualização exposta no artigo citado.
- 18 - Segundo Cohen, "Eles operam através de organizações, pois uma coletividade sem organização não é um grupo. Em coletividade somente se torna um grupo quando adquire mecanismos de coordenação direta ou indireta de ação". COHEN, Abner. O Homem bi-dimensional. A Antropologia do Poder e o Simbolismo em Sociedade complexas. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1978. p.87. Embora contendo definições generalizantes, é através de COHEN

qué se pode identificar claramente a incapacidade da população negra ser em sua totalidade entendida como um grupo social.

- 19 - Sobre a definição de grupo étnico como "tipo de organização social" e possuidor de um território, o que referenda a nota anterior, ver:
CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. op.cit. 1976. pp. 3 e 62-3.
- 20 - Sobre a similaridade da análise e das situações, ver:
CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. op.cit. 1981.
- 21 - WINCH, Peter. A idéia de uma ciência social. São Paulo. Editora Nacional, 1970: p.112.
- 22 - ANSART, Pierre. Ideologias, Conflitos e Poder. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1978. pp. 21-2.
- 23 - Id., Ibid., p.79.
- 24 - Id., Ibid., p.79.
- 25 - Adaptou-se aqui o conceito de ideologia básica ou imagem do mundo, descrito por Julian Marias. Marias, Julian. A estrutura social. Teoria e Método. Duas Cidades. 1955. pp. 149 a 153.
- 26 - Utilizamos, sobretudo as perspectivas dos trabalhos de TURNER e de COSTA LIMA, tendo em vista a caracterização destes grupos.

TURNER. Victor W. O processo ritual. Estrutura e Anti-Estrutura. Petrópolis. Vozes, 1974.

COSTA LIMA, Vivaldo da. A família-de-Santo nos Candomblés jê-jê-nagôs. Dissertação para o Mestrado, em Ciências Sociais da UFBA., Salvador, 1971.

- 27 - Este âmbito do trabalho teve como principal fonte de referência. Risério, Antonio. Carnaval Ijexã. Salvador, Corrúpio, 1981.
- 28 - BRAGA, Célia Maria Leal. op. cit. p.87.
- 29 - A postura neutra da colônia espanhola na Bahia em face da situação do presidente da UNE, Javier Alfoa, demonstra claramente a posição do grupo. Efetivamente nenhuma voz da "colônia" assumiu posição em seu favor, sequer lhe expressou solidariedade, o que evidencia o decidido empenho dos espanhóis em não se imiscuirem em assuntos políticos.



composto e impresso na:
oficina gráfica do CENTEC